

CULTURA E CIÊNCIA

N.º 9 – ano de 2007

**CÂMARA MUNICIPAL
DE VILA NOVA DE FOZ CÔA
2007**

CONTRIBUTOS PARA O ESTUDO DA ESTRUTURA SUB-CIRCULAR Nº 3 DO SÍTIO PRÉ-HISTÓRICO DE CASTANHEIRO DO VENTO (HORTA DO DOURO, VILA NOVA DE FOZ CÔA)¹

Adélia da Conceição Brás Queirós²

0. Introdução

O presente texto destina-se a publicar os resultados de um trabalho de licenciatura realizado no ano lectivo de 2005/2006, orientado pelo Professor Doutor Vítor Oliveira Jorge. Os objectivos deste trabalho estão interligados com a análise de uma estrutura sub-circular escavada na campanha de 2005. Neste estudo engloba-se o tratamento da informação relativa à cerâmica e aos líticos (material arqueológico aqui encontrado) bem como a exposição das técnicas construtivas dessa estrutura e um esboço das várias hipóteses interpretativas.

Se numa primeira fase desejávamos ter algumas soluções, na caminhada de um longo trabalho chegámos à conclusão que isso não seria por agora possível, já que as informações que tínhamos eram poucas e em termos bibliográficos todos os sítios estudados deste período parecem fornecer escassas informações acerca de estruturas circulares de pequenas dimensões (como a que iremos apresentar).

1. Localização da estação arqueológica de Castanheiro do Vento e da Estrutura sub-circular nº 3

O sítio arqueológico de Castanheiro do Vento tem sido escavado ao longo de nove campanhas (desde 1998 até 2006) sob a orientação do Professor Doutor Vítor Oliveira Jorge, juntamente com os seus colaboradores: João Muralha, Leonor de Sousa Pereira, Ana Margarida Vale e Gonçalo Leite Velho.

Esta estação localiza-se na freguesia da Horta do Douro, no concelho de Vila Nova de Foz Côa, no distrito da Guarda, com as seguintes coordenadas geográficas: 41° 3' 49" lat. N. e 7° 19' 18" long. W. Gr., segundo a carta militar número 140, na escala de 1:25000. Situa-se no alto de um morro xistoso de planta sub-circular, situado à altitude absoluta de cerca de 730m³. Através da visualização da Carta Geológica 15-A,

¹ Trabalho apresentado e defendido para o termino da licenciatura de Arqueologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 22 de Julho de 2006.

² Licenciada em Arqueologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto em Julho do ano de 2006.

³ Esta apresentação é feita de forma muito sucinta, remetendo para todos os trabalhos já publicados sobre este sítio pré-histórico. Assim, recomendo toda a bibliografia que se encontra nas últimas páginas deste trabalho.

na escala 1:50 000, podemos ver que Castanheiro do Vento se encontra no Complexo Xisto-Grauváquico do Grupo do Douro (chamada a Formação da Desejosa (De): filitos “listrados” com intercalações de metagravauques, metaquartzovaques e calcossilicatadas).

Esta estação arqueológica data do Calcolítico e Primeira Metade da Idade do Bronze, entre cerca de 2800 e 1500 a. C. Contudo, em escavações anteriores foram exumados materiais que apontam para datas tardias, nomeadamente para o Bronze Final ou até mesmo para a Idade do Ferro, já que se encontrou um fragmento de cerâmica com decoração excisa e um fragmento de uma peça em electro. Além disso, algumas datas de C14, relacionadas com uma possível “estrutura de combustão” reportam também para esta data (JORGE, V. O. *et alii* 2005:185). Na escavação que ocorreu no Verão de 2005 foram encontrados duas placas metálicas (medem cerca de 4,8cm de comprimento e 2,8cm de largura), tendo ambas quatro perfurações e apresentando decoração numa das faces, e uma argola também deste mesmo material (com diâmetro máximo de 6,9cm e mínimo de 3,5cm). Uma placa e a argola foram retiradas da camada 1, enquanto que a outra placa foi exumada da camada 2. Embora a equipa não tenha datas concretas, parecem acreditar que pertencem à Idade do Ferro Final ou Época Romana. Associado a este período foi, ainda, encontrada uma fíbula do tipo «Ómega».

Na longa campanha de 2005 (meses de Julho, Agosto e Setembro) escavou-se uma grande área, encontrando-se a terceira linha do murete e mais a norte a chamada Torre.

*

A Estrutura nº3 encontra-se entre a linha do murete 2 (M2), a Sul, e a linha do murete 3 (M3), a Norte, e a norte do Bastião G. A sul da linha 3 (M3) encontram-se três estruturas geminadas (1, 2 e 6). Para Oeste da linha 2 (M2) situa-se o Bastião H, de forma em “D”, semicircular mas de vão aparentemente aberto na sua parte interna. Está directamente relacionado com a Estrutura 4, definida por pedras obliquamente dispostas, localizada a Norte. A terminar a linha M2 foi encontrada (adossada à linha) a Estrutura 5, caracterizada, sobretudo, por elementos de moinho em granito, principalmente dormentes.

Posteriormente, foi detectada a terceira linha de murete (M3), contendo os Bastiões M, P, N e o Bastião O, que se encontra destruído na sua área a norte. Para norte do Bastião M temos a passagem número 8, que está bem definida e sem estrutura de colmatção. No centro deste Recinto Principal encontra-se a Torre Principal, sendo esta uma zona muito monumentalizada (que ainda se encontra em escavação). O lado NO e a SE da Torre apresenta uma complexa contrafortagem à qual, a SE, se adossam duas estruturas geminadas, a número 11 e a número 13.

2. Estudo do componente artefactual

2.1 Conjunto cerâmico

O material estudado resulta da escavação da Estrutura 3, que se encontra nas quadrículas 82.39, 83.39, 82.40 e 83.40. Destas quadrículas foram retirados 252 fragmentos cerâmicos, dos quais 160 fragmentos pertenciam à estrutura circular em estudo.

A cada fragmento cerâmico, depois de lavado devidamente, foi dado um número de inventário, com o acrónimo da estação (CSTVNT), o ano da campanha, a quadrícula de que foi retirado e a camada a que pertencia o fragmento. Na ficha individual da Base de Dados foi também referido o contexto onde foi retirado (neste caso na Estrutura 3), o micro-contexto (caso o fragmento possuísse essa informação) e o seu posicionamento, com o X (distância em relação ao Norte), o Y (distância em relação a Este) e o Z (altitude absoluta).

Todos estes fragmentos foram analisados segundo uma Base de Dados elaborada previamente por João Muralha⁴⁴. Esta ficha privilegiou os aspectos morfo-técnicos do material cerâmico. “A caracterização do conjunto cerâmico baseou-se nas propostas veiculadas por diversos estudos e posteriormente adaptadas, num trabalho de parceria entre a equipa de Castanheiro de Vento e a de Castelo Velho de Freixo de Numão, ao conjunto cerâmico exumado em ambas as estações arqueológicas” (VALE 2003:47).

A partir desta base de dados os fragmentos foram estudados consoante o tipo de fragmento (Asa, Bordo, Colo, Fundo ou Bojo); a sua pasta, quais os tipos de elementos não plásticos, o calibre e a sua textura; o estado de superfície tanto interior como exterior (corroída ou preservado); o tratamento da superfície, interior e exterior (alisado, polido ou rugoso); cor; decoração; e as dimensões (onde privilegiamos apenas a espessura que foi dividida em: espessura fina de 0mm-5mm, espessura média 6mm-10mm e espessura grossa > 10mm). Esta classificação parece-nos relevante para tentar perceber a relação entre a espessura dos fragmentos e possíveis variáveis cronológicas em articulação com os tipos de vasos cerâmicos.

A maioria dos fragmentos cerâmicos corresponde à camada 3, com cerca de 75, 6%, seguindo-se a camada superficial com cerca de 12,5% e depois a camada 2 com cerca de 12%. A amostragem apresenta-nos um predomínio dos bojós quando comparado a outro tipo de fragmentos em todas as camadas. Assim contam-se na camada superficial 10 bojós e nenhum bordo; na camada 2, 21 bojós e 3 bordos; na camada 3, temos 171 bojós, 5 bordos e 1 colo; em relação à face externa da estrutura (camada 3) temos 37 bojós e 2 bordos. Apenas na camada 3 foi registado o único fragmento de colo do conjunto cerâmico analisado.

⁴⁴ A Base de Dados usada é o programa Filemarker pro 5.

O estudo dos elementos não plásticos⁵ permite afirmar que há uma predominância da mica e de feldspato. Assim temos na camada superficial a predominância da mica com 35% dos elementos, na camada 2 é também 35% e 31% corresponde a feldspato, na camada 3 é cerca de 42% de mica e 32% de feldspato e na face externa do murete (camada 3), 39% de mica e 37% de feldspato. Mas existem outros elementos usados que através do estudo macroscópico conseguimos identificar: o granito, cerca de 1%; outros fragmentos cerâmicos moídos, cerca de 3% e xisto cerca de 13% no total da cerâmica encontrada no interior da Estrutura 3.

Quanto à espessura dos fragmentos cerâmicos predomina em toda a amostra a espessura média (6mm-10mm). Na camada superficial é cerca de 70%, na camada 2 é de 54%, na camada 3 é de 53%. Na face externa da estrutura há o predomínio da espessura média com 51%, mas a espessura fina tem também uma grande expressão, é de 46%.

Na análise do tipo de tratamento da superfície registamos um predomínio do alisamento da superfície nos fragmentos cerâmicos.

Em quinto e último lugar, estudamos a decoração dos fragmentos. As conclusões que podemos retirar da Estrutura 3 e essencialmente na Camada 3, é que existe uma grande predominância de fragmentos sem qualquer tipo de decoração. A decoração encontrada, tirando uma excepção de decoração incisa, é a impressão, nas variantes de impressão penteada curvilínea (20 fragmentos) e impressão penteada rectilínea (22 fragmentos).

*

Na análise de um conjunto cerâmico temos que ter em conta a organização decorativa, e as tipologias das formas. Um fragmento pode ser ou não decorado, e muitas vezes aquele que é decorado não nos dá a informação necessária para podermos compreender a organização decorativa de todo o vaso de que faria parte. Numa amostra de 160 fragmentos da Estrutura 3, da Camada 3, apenas 28 fragmentos são decorados.

Esta amostra é bastante reduzida sendo difícil elaborar uma tipologia, tendo sido por isso necessário recorrer a trabalhos anteriores e tentar integrar alguns fragmentos em tipos (decorativos e de forma) já definidos por outros investigadores (que têm desenvolvido trabalhos académicos sobre as estações arqueológicas de Castelo Velho de Freixo de Numão e Castanheiro do Vento).

Nestes trabalhos teve-se em linha de conta, para a elaboração das tipologias, a abrangência relativamente ao recipiente, “disposição e a área que a decoração ocupa no recipiente” (OLIVEIRA 2003); os motivos, “elemento de identificação subjectiva decorrente da interpretação do investigador, sendo a sua formulação nesta análise resultante do reconhecimento de técnicas decorativas e do movimento que a suporta”

⁵ Estão a ser feitos estudos sobre o tipo de barro existente nos Barreiros próximos de Castanheiro do Vento e consequentemente da cerâmica para ver se existe uma relação próxima, a partir destes resultados já se poderá ver se a pasta de cerâmica é local ou não.

(OLIVEIRA 2003), e o padrão, “repetição e/ou associação de motivos” (OLIVEIRA 2003). Assim, apenas quando estamos perante estas três características é que poderemos questionar o tipo decorativo de um vaso através de um fragmento cerâmico, mas neste caso específico, os fragmentos são bastante pequenos, não possibilitando o estabelecimento de padrões.

No entanto, foi possível enquadrar cinco fragmentos no Tipo I, de Castanheiro do Vento, definido por Ana Vale da seguinte forma:

Tipo I

Uma banda decorada paralela ao bordo

Uma banda decorada produzida por impressão penteada tanto rectilínea como curvilínea, que pode ou não resultar da múltipla passagem do pente

Uma banda decorada incisa (VALE 2003:60).

Depois, tentou-se realizar uma tipologia de formas a qual se tornou complicada já que os fragmentos além de serem poucos estavam muito desgastados nos bordos e eram de pequena dimensão, o que conferia maior dificuldade na sua análise. Identificaram-se apenas dois fragmentos que permitiram a obtenção da possível forma do vaso, um é da camada 2 e o outro é da camada 3.

Para a elaboração dos tipos teve-se em conta a distinção entre formas abertas e fechadas, sendo calculado o índice de abertura da boca: em que o resultado da multiplicação do diâmetro externo da boca por 100 é dividido pelo diâmetro exterior da pança. Se o resultado for superior a 100 estamos presente a uma forma aberta, mas se o resultado for inferior a 100 temos uma forma fechada.

As duas formas que temos inserem-se no Tipo II, que Ana Vale menciona na sua tese de mestrado sobre Castanheiro do Vento: “Recipientes de tendência esférica, com índice de boca entre os seguintes valores: 80 a 94, sem a presença de colo acentuado” (VALE 2003:53). Contudo, num dos casos, o índice de abertura da boca é um pouco superior a 94, tendo cerca de 94,47, contudo, enquadramo-lo nesta forma.

2.2. Estudo do material lítico

A amostra é composta por 29 fragmentos, sendo dois destes em granito (chamados os granitos da Meda, que são granitos porfiróides grão médio e pequeno) e o restante material em quartzo de filão (quartzo leitoso). Para este estudo tivemos a preciosa ajuda do professor Sérgio Rodrigues⁶ que nos possibilitou a observação do material tanto a olho nu como através da lupa binocular com uma ampliação de 6 vezes. Esta permitiu observar principalmente o material mais pequeno mas também todo o outro que a olho nu não apresentava nenhum tratamento por parte da acção do homem. Toda a informação retirada foi trabalhada numa tabela que tem os seguintes campos: a designação do material, a localização com o acrónimo e a cota, a matéria-prima utilizada e as medidas máximas (comprimento×largura×espessura) em milímetros.

⁶ Professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que está a realizar o trabalho de doutoramento.

Nesta pequena amostra foi encontrada uma lasca em quartzo leitoso com as seguintes medidas: 21mm×29mm×8mm; foi examinada através da lupa binocular (até 6×), não tendo sido possível identificar nem o tipo de talão nem a que geração pertencia, devido principalmente às características da matéria-prima utilizada. Foi recolhido, também, uma pequena lâmina de quartzo (27mm×18mm×5mm) que sofreu uma ligeira fractura na extremidade distal; pelas suas características do talão foi debitada por percussão directa no bordo esquerdo, tendo sido observada através da lupa binocular pequenos retoques resultantes da sua utilização. Foi exumado também um núcleo sobre seixo rolado de quartzo leitoso possivelmente recolhido no Vale da Teja⁷ que tinha as seguintes medidas: 79mm×50mm×35mm. É um núcleo explorado com talhe alternante que se desenvolve ao longo da aresta equatorial. Foi encontrado também um fragmento de uma mó de granito porfíroide, com uma das superfícies bastante polida e que tinha as seguintes medidas: 106mm×84mm×39mm. Esta peça foi encontrada na superfície da Estrutura 3; e um fragmento médio possível também de uma mó, visto que este fragmento não apresentava qualquer face que apresente polimento, sendo ainda igualmente em granito porfíroide com as seguintes medidas: 87mm×63mm×43mm.

Em relação aos percutores encontrados na Estrutura nº3 são de pequena e média dimensão, muitos deles encontram-se bastante fracturados apresentando apenas algumas marcas de percussão. São produzidos por blocos angulosos de quartzo de filão e os vestígios encontram-se em diversas arestas. Os vestígios encontram-se sobretudo nas arestas e não nas superfícies tanto superior como inferior o que mostra um trabalho de precisão num determinado ponto numa determinada peça.

Foram ainda analisados 16 fragmentos de quartzo leitoso que não apresentam qualquer tipo de tratamento por parte do homem.

3. A Estrutura nº 3 de Castanheiro do Vento: uma primeira abordagem

A Estrutura nº 3 tem cerca de 2,20m de diâmetro sendo delimitada por grandes lajes de xisto (é preciso ter em atenção que a estrutura nº 3 não foi totalmente escavada, faltando o seu contorno no lado Norte, que provavelmente nos dará o fechamento da estrutura com mais uma laje também de xisto). A sua escavação ditou dois momentos diferentes: um primeiro momento composto por argila e por pequenas lajetas de xisto no seu interior, com alguns fragmentos de quartzo entre estas pequenas lajetas; e um segundo momento depois do nível de pequenas lajes que é composto por uma camada de argila bastante compacta.

Os materiais usados nesta construção são essencialmente a pedra, ou melhor o xisto nas suas dimensões várias, de grandes dimensões para definir a forma circular da estrutura, e de média e pequena dimensão para o enchimento da estrutura e nível de lajeado; e a argila, usada como forma de argamassa, nos interstícios das pedras, das grandes lajes mas também no nível do lajeado, que depois deste apresentava uma argila muito

⁷ O professor Sérgio Rodrigues quando fez um estudo sobre as indústrias do Prazo fez uma análise regional das matérias-primas que permitiram supor que elas viriam desta ribeira.

compacta. É bem possível que fossem usados outros materiais, como os materiais perecíveis que não chegaram até nós mas que temos provas deles em negativos no barro de revestimento.

Uma particularidade desta estrutura é que não foi possível identificar qualquer vestígio de buraco de poste (pequenas estruturas que são delimitadas por pedras e que serviam à sustentação de traves-mestras verticais ou eixos para sustentar uma possível cobertura, um tecto), o que não implica que não existissem. Embora os buracos de poste não sejam identificados, os interstícios das grandes pedras que delimitam a estrutura, poderiam funcionar também como locais para colocar as traves, ramos, sendo depois colmatados com pequenas pedras e argila. A estrutura poderia ser edificada recorrendo sobretudo à argila ou totalmente em materiais perecíveis (por exemplo um entrelaçado de ramos) ou mesclando estes dois elementos, juntamente com a pedra.

A Estrutura nº3 possui ainda um sistema de contrafortagem no seu exterior, sendo caracterizado por pedras de dimensões variadas que se encontram encostadas às grandes pedras delimitadoras. É provável, que as pedras fincadas fossem coadjuvadas com argila, dando maior sustentabilidade. Contudo, não podemos adiantar muito mais em relação à parte exterior já que não foi totalmente escavada.

A grande dificuldade para entendermos esta estrutura é que ela foi a primeira deste tipo a ser escavada até ao nível basal, sem se ter chegado a rocha de base, mas principalmente por não se ter paralelo em outro sítio arqueológico semelhante.

4. Primeiro esboço interpretativo

Elaborar um esboço interpretativo da Estrutura nº3 requer alguma precisão. Além disso, o sítio arqueológico tem uma longa temporalidade, cerca de 1000 anos, sendo um verdadeiro palimpsesto este lugar no seu geral. Mesmo assim queríamos adiantar algumas informações e para tal apoiamo-nos na análise de material exumado, tanto cerâmico como lítico, e nos materiais de construção usados.

A primeira questão que nos surge é se será uma estrutura de habitacional. Se considerarmos as medidas sugeridas na bibliografia consultada esta hipótese parece não se adequar ao nosso caso de estudo, já que o diâmetro de um fundo de cabana rondará os 5 metros (CARDOSO, 2003:204). Além disso, todas as estruturas habitacionais parecem encontrar-se acompanhadas por outras pequenas estruturas como lareiras. A Estrutura nº3 tem apenas de diâmetro 2m, medida que fica muito aquém dos 5m e também não apresenta qualquer vestígio de lareiras ou de outras micro-estruturas. Não foi registado qualquer buraco de poste bem definido mas isto não explica a sua ausência porque entre as grandes pedras delimitadoras podiam ser colocados ramos (como já referimos), sendo assim possível erigir as “paredes”.

Abandonando a ideia de habitação, podemos colocar a hipótese de local de armazenamento (de cereais, de vasos, de moinhos...). Contudo, não foi encontrado qualquer vestígio que atestasse esta linha interpretativa, no entanto, a Estrutura nº3 poderia ser totalmente limpa antes de qualquer abandono e/ou condenação.

Um outro problema que temos, é saber qual o momento de uso da estrutura, se o nível anterior ao do lajeado ou o nível de lajeado ou o nível posterior. O pouco material encontrado provém do nível do lajeado e encontra-se bastante desgastado. Para nos ajudar um pouco, existe uma data de radiocarbono Ua – 32080: 2480-2200 (calibrado em 2 sigma)⁸. Esta data localiza-se no nível de argila bastante compacta, mas é apenas uma data, um carvão, já que sofre facilmente processos pós-deposicionais, e surge isolada sem estar inserida num micro-contexto, isto é, sem estar numa estrutura de combustão ou num outro tipo de micro-contexto que permitisse uma contextualização mais exacta.

Uma hipótese bastante plausível é o nível de argila corresponder ao momento construtivo de nivelamento da estrutura. O nível do lajeado seria um nível de embasamento, e neste sentido, o nível de ocupação sobrepunha-se a este lajeado, que deveria ter uma camada de argila para alisar e consequentemente proteger o nível, criando um piso. Pensamos que todos os materiais encontrados foram usados para nivelamento.

Finalmente, parece-nos pertinente pensar acerca do abandono ou condenação da estrutura em estudo. A primeira hipótese pressupõe que a Estrutura nº3 num determinado momento terá sido abandonada, e totalmente limpa de todos os elementos que existiam no seu interior. Após o possível abandono da estrutura, a super-estrutura entraria em decadência e conduziria à total ruína da estrutura.

A ideia de condenação já pressupõe um acto previamente elaborado, obedecendo a um conjunto de regras. O nível de pequenas pedras de xisto poderá corresponder ao nível de condenação mas é seria essencial perceber se a Estrutura nº3 foi condenada ainda com a super-estrutura ou se foi condenada apenas com as pedras delimitadoras, sem a sua arquitectura que poderia ser de ramos e de argila.

5. Notas Finais

Várias teorias se esboçaram mas nenhuma parece explicar este tipo de estrutura neste período em que foi criado mesmo que não saibamos qual o seu momento de construção e o seu momento de “abandono” ou de “condenação”, resultante de algum motivo especial ou não.

Também não foi possível apresentar “funcionalidades”, sobretudo porque não existem dados suficientes. Analisando a técnica de construção, avançamos que não teria diâmetro suficiente para ser uma habitação (embora não tenhamos dados em concreto para saber a sua altura) e também não temos informação que nos permita identificar um local de armazenamento, já que não existe qualquer tipo de vestígio.

Os materiais encontrados também poucos dados nos dão porque em primeiro lugar é um conjunto muito fragmentado e corroído, e em segundo lugar, nem todos os fragmentos cerâmicos possuem um registo tridimensional.

⁸ Este carvão estava próximo de um núcleo de barro de revestimento, na quadrícula 83.39 (no dia 28 de Julho de 2005), com as seguintes coordenadas: X – 0.74; Y – 0.60; Z – 726.24.

Poucas hipóteses interpretativas adiantamos para estas estruturas tão abundantes em Castanheiro do Vento, mas acreditamos que com o tempo e com as sucessivas escavações mais dados irão surgir para ajudar. Tantas perguntas se fizeram e sem nenhuma resposta em concreto mas com trabalho, dedicação e criatividade novas hipóteses irão sendo colocadas.

6. Bibliografia

- BAPTISTA, Lúcia – As cerâmicas do interior do recinto de Castelo Velho de Freixo de Numão – Contributos para a interpretação de contextos de uso, Novembro de 2003, Porto (Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto);
- CARDOSO, João Luís & COSTA, Cláudia – A study on the faunal assemblage from the prehistoric enclosure of Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa), *Journal of Iberian Archaeology*, Volume 6, Porto, ADECAP, 2004, pp. 83-92;
- COIXÃO, António Nascimento Sá – Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa, Edição da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, 2ª edição de 2000 (1ª edição de 1996), pp.97 – 102;
- FILIPPE, Jorge – Arquitectura de Terra em Portugal, Argumentum, 1ª edição Setembro de 2005;
- JORGE, Susana Oliveira – Povoados da pré-história recente (IIIº – Inícios do IIº milénios A.C.) da região de Chaves – Vila Pouca de Aguiar, Porto 1986 (tese de dissertação do doutoramento na Faculdade de Letras do Porto),
- JORGE, Susana Oliveira, – O Povoado de Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa) no contexto da pré-história recente do norte de Portugal, *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Porto 1993, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, pp.179-221;
- JORGE, Susana Oliveira, Rubinos, António – Cronologia Absoluta de Castelo Velho de Freixo de Numão: os Dados e os Problemas, *Côavisão, Cultura e Ciência*, nº4, 2002, pp.95-111;
- JORGE, Susana Oliveira, JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa, COIXÃO, António Sá – Reflexões preliminares a propósito de formas de organização do espaço e de técnicas de construção em sítios pré-históricos recentes (Calcolítico/Idade Bronze) do tipo de Castelo Velho e de Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa) – semelhanças e diferenças em relação às construções megalíticas e afins, *Portugália, Departamento de Ciências e Técnicas do Património Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, volume XXV, 2004, pp. 53-73;
- JORGE, Susana Oliveira, VELHO, Gonçalo Leite, VARELA, José M., BAPTISTA, Lúcia, OLIVEIRA, Maria de Lurdes, GOMES, Sérgio – O sítio de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa): Reflexões sobre fazes e contextos, *Côavisão, Cultura e Ciência*, nº7, 2005, pp.69-80;

- JORGE, Susana Oliveira, – O Passado é Redondo Dialogando com os Sentidos dos Primeiros Recintos Monumentais, Edições Afrontamento, 2005, Santa Maria da Feira;
- JORGE, Vítor Oliveira – Projectar o Passado Ensaios sobre Arqueologia e Pré-História, Editorial Presença, 1987, 1ª Edição Lisboa, pp. 203-277;
- JORGE, Vítor Oliveira, – Arqueologia em construção, Ensaios (1992), Editorial Presença;
- JORGE, Vítor Oliveira – A Irrequietude das Pedras Reflexões e experiências de um arqueólogo, Edições Afrontamento, 2003, Santa Maria da Feira;
- JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa, e, COIXÃO, António Sá – A Propósito do recinto monumental de Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa), Mesa-redonda Internacional “Recintos Murados da Pré-História Recente Técnicas construtivas e organização do espaço. Conservação, restauro e valorização patrimonial de arquitecturas pré-históricas”, coordenadora Susana Oliveira Jorge, Porto – Coimbra 2003, pp.79 – 113;
- JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa, e, COIXÃO, António Sá – Castanheiro do Vento, a late prehistoric monumental enclosure in the Foz Côa region, Portugal, recent research (1998-2002), Journal Of Iberian Archaeology, Volume 5, Porto, ADECAP, 2003, pp.137-161;
- JORGE, Vítor Oliveira, MURALHA, João, PEREIRA, Leonor, VALE, Ana Margarida, COIXÃO, António Sá – Morfologia construtiva do Recinto Pré-histórico de Castanheiro do Vento (Horta de Douro, Vila Nova de Foz Côa): o exemplo das convencionalmente designadas “estruturas de condenação”, Al-Madan Arqueologia, Património, História Local, IIª Série, Número 13, Julho de 2005, pp. 25-35;
- JORGE, Vítor Oliveira, MURALHA, João, PEREIRA, Leonor Sousa, VALE, Ana Margarida, VELHO, Gonçalo Leite, COIXÃO, António Sá – Relatório das Escavações arqueológicas do ano de 2005 Sítio De Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), Côavisão, Cultura e Ciência, número 8, 2006, pp.185-204;
- MURALHA, João – Materiais líticos e cerâmicos de Castelo Velho de Freixo de Numão. Continuidades e descontinuidades: uma proposta de abordagem estatística, Maio de 1996, Porto (Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada a Faculdade de Letras da Universidade do Porto);
- OLIVEIRA, Maria de Lurdes Cunha de, – Primeiras intervenções arquitectónicas no Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa), Novembro 2003, Porto (Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto);

VALE, Ana Margarida Aparício do, – Castanheiro do Vento (Horta do Douro, V^a N^a de Foz Côa)
Contributo para o estudo dos resultados das primeiras campanhas de trabalhos (1998-2000),
Porto Novembro de 2003, Dissertação de Mestrado em Arqueologia na Faculdade de Letras da
Universidade do Porto;

VARELA, José Manuel – As cerâmicas do Bronze Inicial e Médio do Castelo Velho de Freixo de
Numão (Vila Nova de Foz Côa), Tradição e inovação na transição do III^o para o II^o milénio AC,
2000, Porto (Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentado à Faculdade de Letras da
Universidade do Porto);

SÉRONIE-VIVIEN, M. R. – Introduction à l'étude des poteries préhistoriques, Bordeaux, 1982,
Société Spéléologique & Préhistorique de Bordeaux.

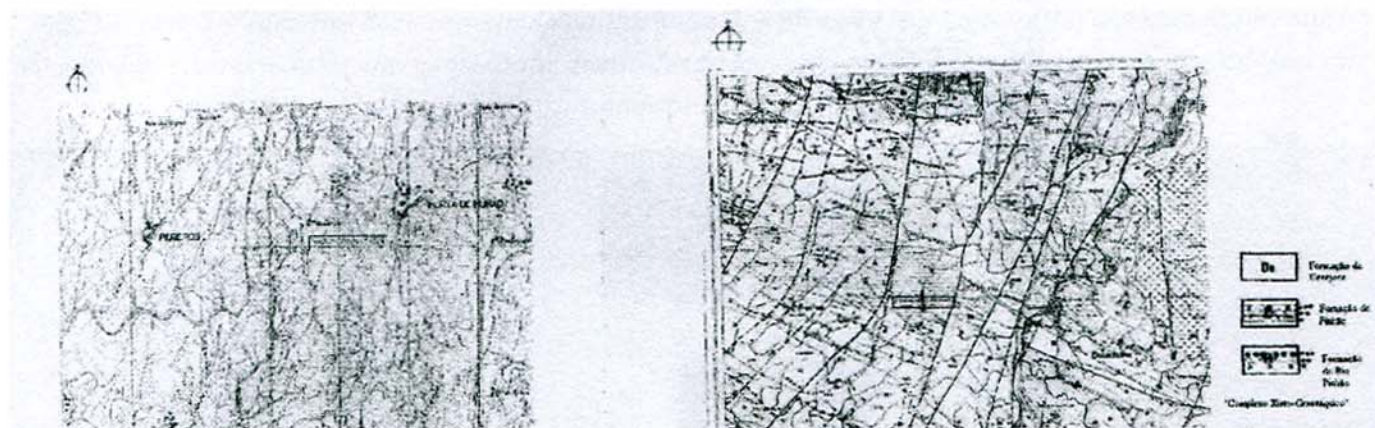
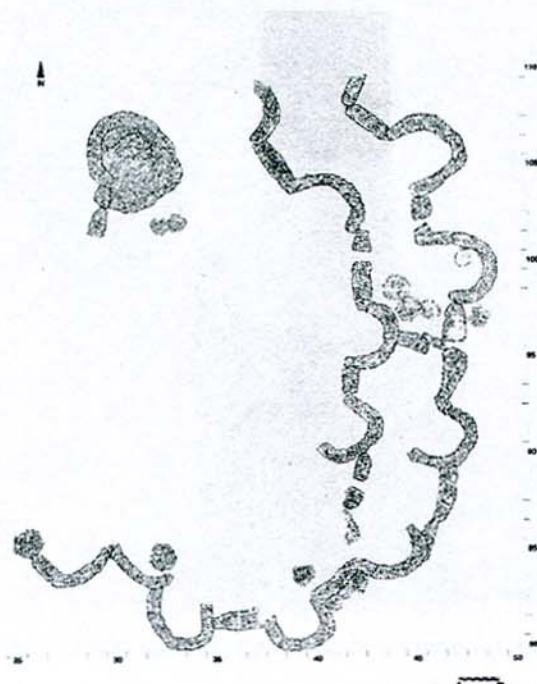


Figura 1 – Localização do sítio arqueológico de Castanheiro do Vento, tanto na Carta Militar, primeiro mapa, da folha 140, na escala 1/250000, como na carta geológica da folha 15-A, na escala 1/500000, segundo mapa



*Figura 2 – Total
da área escavada em
m2005*

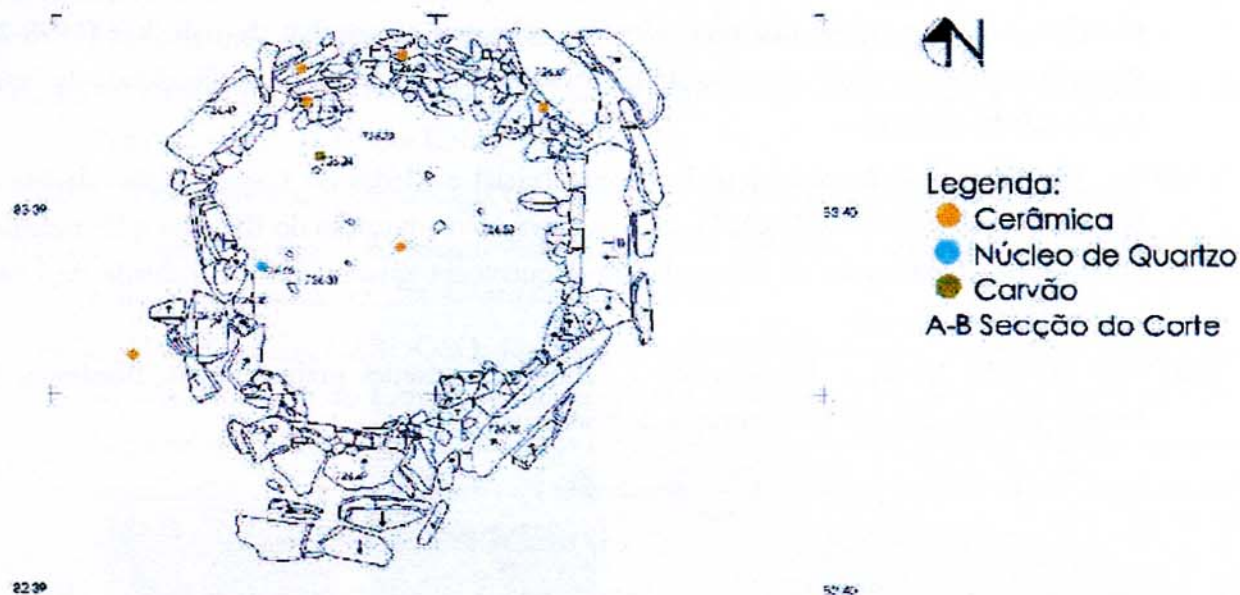


Figura 3 – Localização do material arqueológico encontrado na Estrutura 3

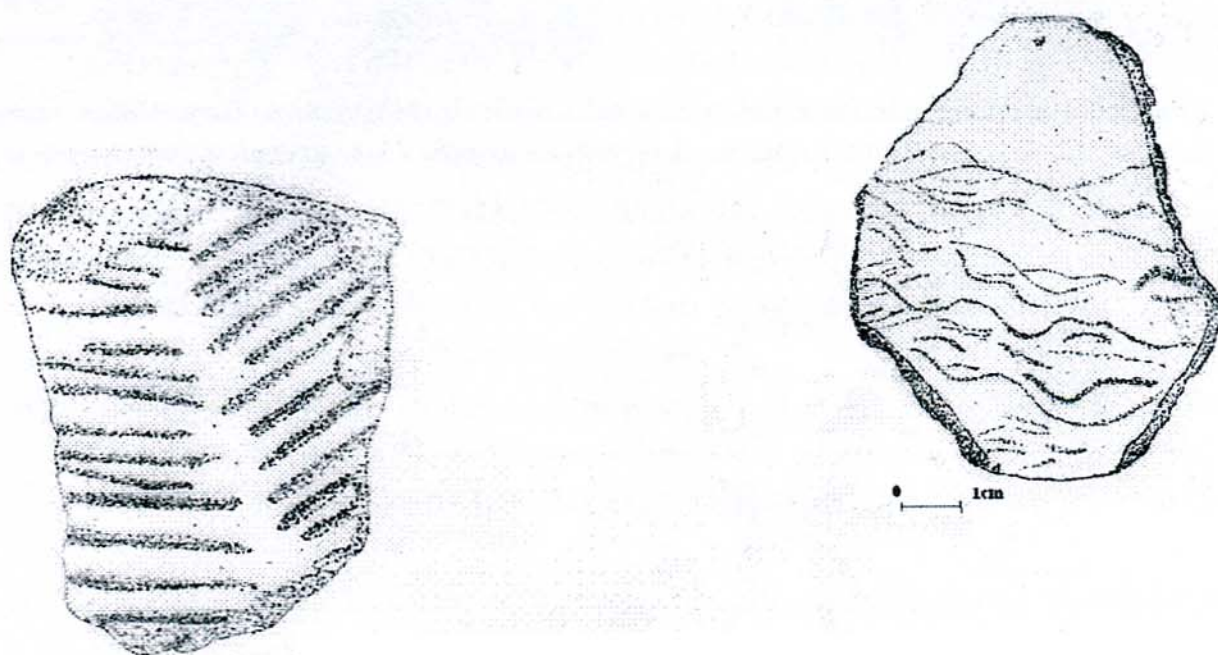


Figura 4 – Decoração na pasta cerâmica. O primeiro fragmento mostra-nos a decoração incisa, em toda a amostra dos materiais estudados é o único fragmento. O segundo apresenta a decoração penteada curvilínea, bastante frequente na amostragem estudada.

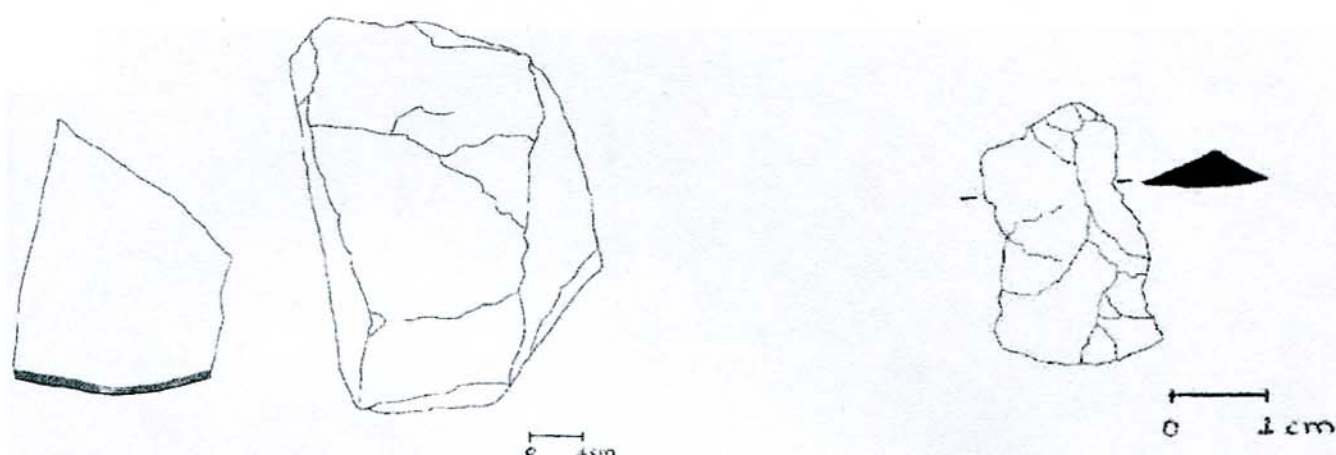


Figura 5 – Material lítico encontrado na Estrutura 3, o primeiro correspondente a um núcleo sobre seixo rolado, explorado com talhe alternante que se desenvolve ao longo da aresta equatorial; o segundo é uma lasca em quartzo leitoso.



Figura 6 – Fotografia da Estrutura 3 no momento em que se encontrava composta pelas pequenas lajes de xisto



Figura 7 – Imagem da Estrutura 3 no momento a seguir à retirada das pequenas lajetas de xisto, encontrando-se uma camada de argila bastante compacta (fotografia de Cristella).